

Educação

Dilemas Contemporâneos

volume V

Lucas Rodrigues Oliveira
organizador



Pantanal Editora

2021

Lucas Rodrigues Oliveira
Organizador

Educação
Dilemas Contemporâneos
volume V



Pantanal Editora

2021

Copyright® Pantanal Editora
Copyright do Texto® 2020 Os Autores
Copyright da Edição® 2020 Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora

Edição de Arte: A editora. Imagens de capa e contra-capa: Canva.com

Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Msc. Adriana Flávia Neu – Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Me. Ernane Rosa Martins – IFG
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandris Argentel-Martínez – Tec-NM (México)
- Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan – Consultório em Santa Maria
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira – SEDUC/PA
- Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Profa. Dra. Patrícia Maurer
- Profa. Msc. Queila Pahim da Silva – IFB
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI

- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Esp. Camila Alves Pereira
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D576	Educação [livro eletrônico]: dilemas contemporâneos: volume V / Organizador Lucas Rodrigues Oliveira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2021. 64p. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-88319-47-5 DOI https://doi.org/10.46420/9786588319475 1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Gestão escolar. I. Oliveira, Lucas Rodrigues. CDD 370.1
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo dos e-books e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es) e não representam necessariamente a opinião da Pantanal Editora. Os e-books e/ou capítulos foram previamente submetidos à avaliação pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação. O download e o compartilhamento das obras são permitidos desde que sejam citadas devidamente, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais, exceto se houver autorização por escrito dos autores de cada capítulo ou e-book com a anuência dos editores da Pantanal Editora.



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000. Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
 Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

Em todos os seus processos, a educação está em constante evolução. Em uma sociedade que se transforma rapidamente, se os processos educativos se estagnarem, não atenderão às demandas das sociedades – tão distintas e formadas por pessoas com inúmeras especificidades.

Pensando nessas transformações da educação e da sociedade, é preciso que haja constantes reflexões a respeito da educação, a fim de que a prática e a teoria se relacionem e atuem na melhoria do ensino. Apresentamos, então, a obra: “Educação: Dilemas Contemporâneos”.

Nesse quinto volume, os temas abordados são diversos. Em princípio, haverá uma reflexão acerca da situação da educação e da gestão escolar em tempo de pandemia. Um dos capítulos irá abordar a questão da didática e pensamento complexo no ambiente escolar. Em seguida, um debate sobre a presença feminina nos fluxos migratórios. Por fim, será debatido sobre situações relacionadas ao Programa de Residência Pedagógica em Química e sua relevância para a educação.

Esperamos que essa obra possa contribuir, de alguma forma, com a continuidade dos debates acerca da educação brasileira que, principalmente agora, enfrentando um processo de pandemia e tendo que, a cada momento, se reinventar, precisa de pessoas interessadas em sua evolução, para que ela cumpra seu papel: praticar da formação integral dos indivíduos.

Lucas Rodrigues Oliveira


SUMÁRIO

Apresentação	4
Capítulo I.....	6
Didática e pensamento complexo no ambiente escolar	6
Capítulo II	18
Aves de passagem também são mulheres: relatos de migração feminina venezuelana no Distrito Federal	18
Capítulo III.....	35
Educação e gestão escolar no Paraná no contexto da pandemia em 2020	35
Capítulo IV	46
Empatia, seus FRP! Motivos e ações inseridas no Programa de Residência Pedagógica em Química	46
Índice Remissivo	63
Sobre o organizador.....	64

Aves de passagem também são mulheres: relatos de migração feminina venezuelana no Distrito Federal

Recebido em: 12/01/2021

Aceito em: 15/01/2021

 10.46420/9786588319475cap2

Maria Luand Bezerra Campelo^{1*} 

Thayná Marques de Lima² 

INTRODUÇÃO

As migrações internacionais na contemporaneidade podem ser compreendidas pela forma como influenciam e determinam as relações interpessoais em sociedade. Desta maneira, podemos perceber que o trânsito de pessoas, de culturas, de ideias e de vivências em nossa sociedade atual se mostra mais evidente, sendo causa e efeito da globalização. Assim, essa é uma consequência das ações humanas e a migração em massa não é “de forma alguma um fenômeno recente, mas sim o destino irremediável do mundo” (Bauman, 1999).

É importante compreender que os estudos sobre migração só começaram a ter mais relevância a partir dos anos 90. Segundo Assis et al. (2000) a obra de Thomas et al. (1918), *The Polish Peasant in Europe and America*, influenciou fortemente os estudos posteriores de migração como um problema “principal”. Como exemplo, segundo análise de Richmond (1988) *apud* Assis et al. (2000) autores como Max Weber e Émile Durkheim observaram as consequências que a migração exercia na industrialização e crescimento do capitalismo, sendo que para estes intelectuais, a migração não era uma preocupação, mas sim uma continuidade das trocas sociais.

Hodiernamente, é possível perceber uma crescente presença feminina nos fluxos migratórios, uma vez que cada vez mais mulheres saem de seus países de origem em busca de melhores condições de vida longe de casa. Os motivos que levam este grupo em questão a se deslocar no mundo são diversos e complexos, seja procurando uma qualificação profissional, seja por motivações acadêmicas ou fugindo de situações de opressão e vulnerabilidade nos lugares em quem se encontram (Lobo, 2010). Assim, percebemos que essas mulheres podem se identificar como protagonistas de suas próprias histórias.

Destarte, esta pesquisa busca apresentar as vivências e percepções de um grupo de cinco mulheres venezuelanas que escolheram Brasília – Distrito Federal como cidade destino em suas migrações. Após a

¹ Mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB).

² Mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB).

* Autor correspondente: luandbezerra@hotmail.com

leitura e o estudo do artigo *Birds of Passage are also Women*, da professora Doutora Mirjana Morokvasic de 1984, analisamos as narrativas, motivações e percepções destas mulheres sobre seus processos migratórios.

Comparamos, portanto, os dados do trabalho produzido pela autora e outras pesquisas na área com os dias atuais, mostrando como o papel feminino nas migrações internacionais ganhou novos destaques e contornos no decorrer dos anos, mas que de certa maneira, continua a reproduzir reflexos do passado, que ainda focam fenômenos de trânsito humano na figura masculina.

MIGRAÇÃO FEMININA VENEZUELANA NO BRASIL

Os fenômenos migratórios contam a história das movimentações humanas, seus desencadeamentos e consequências no desenvolvimento das relações sociais, entretanto, foi sempre dado atenção ao papel do homem nesse processo. No decorrer dos séculos, para a mulher foi resignado um papel “secundário e passivo” (Morales, 2007), como se o gênero feminino não contribuísse efetivamente para as migrações internacionais.

Desta forma, é essencial mudarmos essa concepção e nos engajarmos em ter acesso e buscar entender a “experiência migratória das mulheres em vários aspectos que afetam suas vidas pessoais, familiares, econômicas, sociais, culturais em seus locais de origem e destino, uma vez que cada ação tem um significado para quem a realiza¹” (Morales, 2007), sendo que a subjetividade feminina não pode ser ignorada e esquecida. Assim, neste artigo, dedicamos nossa atenção à migração feminina venezuelana no Brasil.

Segundo os dados sobre migração feminina disponibilizados pela Organização das Nações Unidas - ONU², de 2010 para 2019 houve um aumento de 51 milhões de migrantes internacionais, contabilizando um total de 3,5% da população mundial, sendo que a mobilidade destas pessoas impacta diretamente nas redefinições dos papéis sociais de gênero. Desta forma, é possível perceber modificações nos trânsitos humanos e, mesmo que as mulheres ainda somem pouco menos da metade de todos os migrantes, os números revelam uma gradativa e constante ascensão do gênero feminino neste meio:

Na questão de composição de gênero, as mulheres somam pouco menos da metade de todos os migrantes internacionais em 2019. A participação de mulheres e meninas no número global de migrantes internacionais caiu ligeiramente – de 49% em 2000 para 48% em 2019. A participação das mulheres é maior na América do Norte (52%), e Europa (51%) e menor na África Subsaariana (47%), Norte da África e Oeste da Ásia (36%) (ONU, 2019).

¹ Citação original: “Interesa conocer la experiencia migratoria de las mujeres en diversos aspectos que afectan su vida personal y familiar, el económico, social, cultural en su lugar de origen y destino ya que cada acción tiene un significado para quien lo realiza, es la dimensión subjetiva”.

² Disponível em: <https://nacoesunidas.org/estudo-da-onu-aponta-aumento-da-populacao-de-migrantes-internacionais/>

De acordo com a Organização Mundial de Imigração¹, a proporção em números de mulheres que migram por motivos econômicos e sociais está cada vez maior. Nos últimos anos, mulheres estão justificando seus deslocamentos a partir da necessidade de buscar melhores condições de vida, diferentemente de antigamente, quando estas razões se davam mais por motivos de casamento ou reencontros familiares.

No Brasil, entre os anos de 2013 e 2019 houve um aumento exponencial no fluxo de imigrantes venezuelanos (Gladstone, 2016), sendo que nesse fenômeno social vigente é possível perceber uma quantidade de mulheres venezuelanas migrando praticamente igual a masculina. Segundo dados da ONU em 2019 esse número gira em torno de 46%, uma vez que não só homens assim como mulheres estão fugindo da crise econômica que se instaurou no país, como é possível perceber com o excerto a seguir:

Com o agravamento da crise econômica e social na Venezuela, o fluxo de cidadãos venezuelanos para o Brasil cresceu maciçamente nos últimos anos. Entre 2015 e maio de 2019, o Brasil registrou mais de 178 mil solicitações de refúgio e de residência temporária. A maioria dos migrantes entra no País pela fronteira norte do Brasil, no Estado de Roraima, e se concentra nos municípios de Pacaraima e Boa Vista, capital do Estado (UNICEF, 2019).²

Apesar da migração masculina ser em maior número, a migração feminina está se sobrepondo e ganhando destaque nos últimos anos, pois os padrões e normas sociais sofreram alterações ao longo do tempo e atualmente o gênero feminino ocupa um espaço de liderança e sustento familiar (Lobo, 2006). Sendo assim, o ato de migrar para mulheres é uma condição e necessidade, como explica a autora:

Por sua vez, o número de mulheres que migram, sozinhas ou acompanhadas de seus familiares, tem aumentado significativamente nas estatísticas nacionais e internacionais, dado o caráter multidimensional dos papéis atribuídos à mulher na família, incluindo sua maior responsabilidade em relação aos filhos, ao sustento da família e o seu deslocamento em função de casamentos (Lobo, 2006).

O Brasil se mostra como “um lugar de trânsito ou destino para estrangeiros por possuir uma Lei de Imigração que objetiva acolher com dignidade todo e qualquer imigrante que esteja no território nacional” (Nascimento, 2017). Desta forma, o país “passa a tratar a questão migratória a partir da perspectiva do ser humano e não dentro da habitual lógica de segurança nacional, como se o migrante fosse uma ameaça.” (Nascimento, 2017). Acreditamos que este possa ser um dos fatores que contribuem para o aumento de mulheres migrantes no Brasil, pois a Lei de Imigração oferece a elas o direito comum e igual a um cidadão brasileiro.

Destacamos que são poucos os países que dispõem e oferecem uma Lei que ofereça uma estadia segura/certa para imigrantes. O Brasil, por exemplo, sancionou sua lei de imigração em 2017, que foi revogado pelo Estatuto do Estrangeiro, criada na época da Ditadura Militar (1964-1985), passando por mudanças significativas em sua composição. Com estas mudanças ocorridas em 2017, a Lei de Imigração

¹ Disponível em: <https://envolverde.cartacapital.com.br/mulheres-que-correm-o-mundo/>

² Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>

começou a dar “acesso igualitário e livre do migrante a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social” (Brasil, 2017). É oportuno remarcar também a inclusão da palavra “migrante” e “imigrante” nesta Lei:

O termo “estrangeiro” que foi utilizado na lei 1980, chama atenção para a presença de pessoas alheias ao território nacional, a palavra migrante, no contexto da lei de 2017, indica um sujeito de direito, que pode ou não ser natural do país, já que a lei trata tanto da situação de brasileiros no exterior, como de migrantes internacionais residentes no Brasil. “Imigrante” e “emigrante”, dessa maneira, estão contemplados enquanto sujeitos de direitos como migrantes.” (Museu da Imigração, 2019).

Assim, neste contexto de novo mundo, onde os imigrantes se deparam não apenas com uma nova cultura e língua, mas também com uma nova forma de viver a vida, respeitando as leis e demais peculiaridades do dia a dia, tais como trabalho, educação e lazer, é comum observar que as mulheres e minorias étnicas, como remarca Assis et al. (2000) são as que mais enfrentaram e enfrentam dificuldades nessa nova vida como imigrante. Acreditamos, portanto, que uma legislação que garante direitos para essas mulheres influencia suas respectivas permanências no país.

Sabemos que ao chegarem no Brasil, essas migrantes passam por desafios e dificuldades; ao trespassarem a fronteira, muitas se encontram numa situação vulnerável e buscam rapidamente um emprego ou ocupação que, na maioria das vezes, se encaixa em atividades domésticas ou informais. Assis et al. (2000) declaram que “as mulheres e minorias étnicas podem sofrer uma dupla ou tripla exploração face a discriminação dentro do mercado secundário”. Consideramos que tal situação se dá pelas mulheres, ao longo da história, sofrerem uma segregação em relação aos homens, principalmente no que tange a oferta de emprego.

Destarte, é preciso estudar sobre a feminização dos fluxos migratórios, objetivando dar voz e valor para estas mulheres que também passam por jornadas migratórias e investem em deslocamentos geográficos assim como os homens, pois desta forma, legitimaremos a importância do nosso objeto de pesquisa.

AVES DE PASSAGEM TAMBÉM SÃO MULHERES

Em 1984 a pesquisadora Mirjana Morokvasic-Muller escreveu o artigo *Birds of Passage are also Women* em resposta ao livro *Birds of Passage*, do autor Michael Piore, que teve sua obra publicada pela Cambridge University Press em 1979. Neste livro, o autor (1979) faz uma análise sobre o fenômeno da imigração e seu desenvolvimento na indústria a partir da ocupação de estrangeiros no mercado laboral Europeu e Americano. Durante toda a obra, Piore destaca o papel da migração masculina e suas consequências no desenvolvimento social da época, sendo que as mulheres migrantes, quando citadas em seu trabalho,

adquirem um papel secundário de donas do lar, que saem de seus países de origem com o objetivo de acompanhar seus esposos e constituírem família em outros territórios.

Em contrapartida, Morokvasic dedica um capítulo inteiro para falar sobre as movimentações femininas na sociedade da época (1984) e as principais características desses fluxos migratórios. A partir destas observações, assim como o embasamento em outras fundamentações teóricas, faremos um comparativo com os processos de migração feminina das cinco imigrantes venezuelanas participantes de nossa pesquisa.

Fazendo um breve resumo do texto de Morokvasic, a autora explana que naquela época a igualdade de gênero não era um tema amplamente debatido, e as mulheres que migravam para outros países em busca de uma vida melhor sofriam constantemente com a segregação de gênero, sendo que na maioria das vezes, as poucas ofertas de emprego focavam num grupo juvenil (entre 15 e 24 anos) com tradições sexistas e opressivas que violavam os direitos daquelas mulheres.

Quando conseguiam trabalho, elas sabiam que seriam serviços pequenos, com pouca remuneração e que mesmo no mercado de trabalho, os homens eram dominantes, como é possível acompanhar no excerto a seguir:

Mulheres das zonas periféricas, para quem a produção local e os setores econômicos em dissolução não oferecem maiores oportunidades, representam um ponto oferta de mão de obra que é, ao mesmo tempo, a mais vulnerável, mais flexível e, pelo menos no começo, a força de trabalho menos exigente¹ (Morokvasic, 1984).

Entretanto, mesmo com essas dificuldades impostas pela cultura patriarcal, ter um “acesso a uma certa independência econômica através do trabalho remunerado” (Morokvasic, 1984) foi fundamental para que algumas mulheres comessem a lutar por transformação de seus “papéis tradicionais²” (Morokvasic, 1984), ou seja, houve uma busca por mudanças em relação ao trabalho destas imigrantes, mesmo que para isso, o surgimento de conflitos internos sobre o papel da mulher na sociedade ocorresse.

Como consequência, foi possível perceber que apesar de ainda existir e persistir o ideal de que a mulher migrante era uma seguidora passiva de seu esposo ou familiar de gênero masculino, confinada ao casamento ou vida em sociedade rural, com o tempo houve paulatinas modificações ao se perceber a migração feminina ouve o:

¹ Citação original: “Women from the peripheral zones, to whom local production and dissolving economic sectors did not offer any more opportunities, represent a ready made labor supply which is, at once, the most vulnerable, the most flexible and, at least in the beginning, the least demanding work force”.

² Citação original: “...that access to a certain economic independence through waged work provided women with more strength to fight for emancipation from their subjugated traditional roles”.

Declínio dos padrões familiares ampliados, adoção de família nuclear, fragmentação da estrutura familiar, acesso ao trabalho remunerado influência da mídia, declínio das práticas religiosas, aumento da adoção de valores igualitários para homens e mulheres ¹(Morokvasic, 1984).

Entretanto, a autora dialoga que isso não significa que todas as mulheres ao longo desse processo de evolução migratória estariam dentro dessas mudanças sociais, pois muitas ainda se sentiam confortáveis e seguras e exercer seus papéis matriarcais e familiares, como forma de fugir da pressão da sociedade em que se encontravam, além do preconceito e xenofobia:

Geralmente, as mulheres também podem aceitar o status quo na família porque o lar pode ser o único lugar onde elas sentem alguma segurança numa sociedade xenófoba e/ou assediada por empresários sexistas da mesma nacionalidade. A solidariedade com o marido também é enfatizada pelo original projeto de migração conjunta² (Morokvasic, 1984).

É importante também destacar que naquela época, a sociedade tinha uma tendência a perceber a mulher migrante que viajava só, ou seja, sem a presença de seu marido e ou representante legal, como uma mulher que migra objetivando trabalhar com a prostituição. Destacamos que estes são alguns pontos trazidos por Morokvasic (1984) que defende o fim da crença de que toda mulher que migra é dependente ou passiva de uma figura masculina. Mais do que isso, a autora defende a ideia de que mulheres são conscientes e autônomas de seus percursos profissionais e pessoais, buscando direitos e igualdade, independente do gênero.

Ao analisarmos as falas e experiências das cinco participantes desta pesquisa, fazemos um comparativo e percebemos que apesar dos progressos ocorridos nos 36 anos que separam a publicação do artigo de Mirjana Morokvasic dos dias atuais, a migração feminina tende a repetir características do passando enquanto evolui no presente.

MATERIAL E MÉTODO

Esta pesquisa se identifica como qualitativo-interpretativista, tendo como foco as experiências de um grupo de cinco mulheres venezuelanas que residem em Brasília - DF. Em decorrência da pandemia do Novo Coronavírus, optamos por uma coleta de dados virtual, a partir de um questionário via *Google Forms* e entrevistas desenvolvidas pelo aplicativo *Whatsapp*, fazendo, assim, uma análise interpretativista das narrativas das participantes a partir de suas falas e experiências, buscando entender os fenômenos sociais que as cercam (neste caso a migração internacional feminina) a partir do entendimento advindo das ações humanas (Schwandt, 2000) e tendo como base o texto *Birds of Passage are also Women*, de Mirjana Morokvasic para fazer o comparativo bibliográfico sobre o tema.

¹ Citação original: "...process are: decline of the extended family patterns, adoption of the nuclear family, fragmentation of the family structure, access to paid work, influence of the media, decline of religious practices, increasing adoption of egalitarian values for girls and boys and girls".

² Citação original: "Usually women may also accept the status quo in the household relations because home may be the only place where they still feel some security in a xenophobic society and/or harassed by sexist entrepreneurs of the same nationality. Solidarity with the husband is also emphasized by the originally joint migration project".

Desta forma, entendendo que essas mulheres que migram são diretamente responsáveis pelo desenvolvimento de suas próprias realidades, sendo que os “deslocamentos femininos estão sendo cada vez mais comuns em nossa sociedade atual, mostrando que essas pessoas saem de seus países de origem buscando juntar bens, trabalhar, estudar e promover melhores condições para suas vidas” (Lira et al., 2019) ressaltamos a importância de trabalhar os fluxos migratórios a partir do ponto de vista feminino.

Adotamos uma perspectiva interpretativista para este estudo porque focamos na produção de sentidos que as participantes nos fornecem a partir de suas falas e nossas análises sobre a migração feminina são formadas conforme o desenvolvimento das participantes (Rey, 2005) respeitando suas histórias pessoais e contextos sociais. Destacamos que para a análise de dados utilizamos pseudônimos escolhidos pelas próprias participantes aos responderem o questionário do *Google Forms*, resguardando, assim, suas identidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a coleta de dados desta pesquisa, utilizamos as respostas provenientes de entrevistas com um grupo de cinco mulheres venezuelanas que estão vivendo em Brasília-DF, objetivando, por meio dessa troca, perceber as narrativas e experiências dessas mulheres e entender como elas se compreendem como agentes de seus próprios fluxos migratórios.

Na tabela a seguir, podemos acompanhar os dados pessoais que caracterizam as participantes desta pesquisa:

Tabela 1. Perfil das participantes. Fonte: as autoras.

Participante	Idade	Estado Civil	Profissão no país de origem	Profissão no Brasil	Tempo de moradia no Brasil	Tempo de moradia em Brasília
Margarete	50	divorciada	concursada	auxiliar administrativa	3 anos e 4 meses	1 ano e 6 meses
Sandra	24	solteira	estudante de Comércio Exterior	empregada doméstica e cuidadora de idoso	2 anos e 8 meses	1 ano e 11 meses
Marta	25	solteira	Dentista	buscando validação de diploma	4 anos	4 anos
Celina	38	casada	biomédica	dona de casa	8 meses	8 meses
Angelina	43	casada	enfermeira	cuidadora de idoso	6 anos	6 anos

Ao analisarmos o perfil das participantes, podemos identificar que a faixa etária das participantes se dá entre 24 e 50 anos, revelando uma flexibilidade na idade destas mulheres em seus processos de migração, ou seja, é um decurso que não se caracteriza por acontecer somente com um grupo de jovens, mas sim com pessoas que estão necessitando migrar, independente da fase da vida em que se encontram.

Ademais, das cinco mulheres, duas são casadas, duas são solteiras e uma é divorciada, mostrando também que não há uma constância no estado civil das mulheres que se deslocam de um país a outro. Como afirma Morokvasic (1984) as mulheres sempre buscaram liberdade para se moverem ou se deslocarem, e como bem complementa Dutra (2015) as mulheres não necessitam possuir um modelo de migração, pois:

São mulheres migrantes que saem dos seus países e comunidades de origem sem características e condições de vida fixas e pré-determinadas – desconhecendo o peso disso nas suas vidas. As migrantes, ao longo do percurso migratório, traçam caminhos que vão atribuindo novas significações à experiência vivida. Pois, tanto a condição de gênero como a origem social associada a características étnicas produzem novos e diversos significados nas instâncias de interação social nas sociedades receptoras. Significações que, geralmente, agem a modo de etiqueta, não só dos “outros” sobre elas, como também delas para com os “outros” e delas para com elas próprias (Dutra, 2013).

Do tempo de permanência em Brasília, a periodicidade está entre 1 e 6 anos, e em relação à formação profissional na Venezuela, quatro das participantes iniciaram ou concluíram o ensino superior e uma era concursada, mas quando chegaram ao Brasil, não conseguiram seguir profissionalmente em suas antigas formações. Isso se dá porque a grande maioria das migrantes que chegam em nosso país terminam por encontrar primeiramente trabalhos ou ocupações consideradas pequenas e desqualificadas. Morokvasic em 1984 já apontava essa disparidade na oferta de empregos para homens e mulheres, pois para o gênero feminino “eram destinados serviços domésticos e outros serviços considerados subalternos” (Morokvasic, 1984) e ainda é uma prática comum uma vez que:

São profissões culturalmente consideradas como tarefas “típicas” da mulher, pois lhe são atribuídas no contexto da divisão internacional e sexual do trabalho. Trata-se de tarefas que dizem respeito, por exemplo, a cuidar dos outros (babá, cuidado de idoso), tarefas associadas ao espaço “reprodutivo” (dona de casa) e tarefas que, apesar de localizadas no que se considera espaço “produtivo”, detêm uma marca fortemente feminina (vendas, confecção, cozinheira) (Dutra, 2013).

Nos próximos tópicos, daremos continuidade à análise das respostas das participantes, focando em suas razões para migrar, os desafios desse processo de deslocamento e a importância das se perceberem como mulheres durante este curso migratório.

Das motivações para migrar

Prosseguindo com nossa análise de dados, perguntamos sobre as razões e motivações que as levaram a sair da Venezuela e migrar para o Brasil. Das cinco respostas, quatro estão relacionadas à crise

migratória venezuelana e como consequência, a saída do país de origem para a busca de melhores condições de vida. Destacamos a motivação de uma das participantes, que disse possuir na Venezuela uma estabilidade profissional, mas que resolveu vir ao Brasil para estar próxima do marido, como é possível acompanhar no quadro abaixo¹:

Quadro 1. Motivos que levaram a migrar. Fonte: as autoras.

Margarete	<i>Lo que todo mundo sabe... la situación, la crise humanitária</i> que está acontecendo na Venezuela naquele tempo estava começando e agora está pior ainda. Eu não vou para lá de novo.
Sandra	Então, eu trabalhava na Venezuela e fazia faculdade, mas era faculdade particular. Só que no trabalho que eu tava, eu não tava ganhando bem e não dava pra pagar minha faculdade e eu vim pro Brasil pra procurar um emprego, há princípio foi minha ambição encontrar emprego, guardar dinheiro e voltar a faculdade lá. Era faculdade de comércio exterior.
Marta	Voltar de novo! Pela situação da Venezuela e porque eu já conhecia aqui, já tinha uma tia que morava aqui, então eu quis voltar. Eu pesquisava São Paulo, mas era muito agitado.
Celina	Bom, a situação econômica que estamos vivendo no país, é eu não conseguia basicamente a parte médica para meu filho, que você sabe, é um menino deficiente e que precisa de muitas avaliações e cirurgia e em Venezuela quase todos os médicos já haviam migrado e soubemos que aqui era melhor essa parte de assistência médica, então decidimos vir para cá.
Angelina	Eu? Então, eu vim atrás do meu marido porque ele tinha um emprego aqui. Então, eu era funcionária pública na Venezuela, eu era enfermeira e tinha um bom trabalho e eu estava ganhando um bom dinheiro. Não tinha crise na época, estava começando os problemas de expropriação do governo e escassez dos alimentos, mas não era muito grave. O que me fez vir foi ir atrás dele.

A partir das respostas, percebemos que as razões para migrar mesmo que similares, possuem suas particularidades. A crise econômica na Venezuela foi um fator decisivo na mudança territorial destas mulheres, mas como podemos perceber nas falas de Sandra e Marta, mais do que a crise, a vontade de conseguir uma qualidade de vida satisfatória e o sonho de continuar os estudos e conseguir uma boa profissão as impulsionaram a migrar. Para Celina, mais do que a situação econômica, ela necessitava encontrar um país que oferecesse um sistema de saúde acessível para as necessidades de seu filho especial e finalizamos com Angelina que, antes das mudanças sociais na Venezuela, partiu para o Brasil em busca de permanecer ao lado do marido e isto nos revela, segundo Nascimento, que:

a mulher tem um papel decisivo no processo migratório, como força de trabalho e agente transformadora das relações sociais, é importante verificar e entender, do ponto de vista da emancipação feminina, de que modo a migração tem sido capaz de promover a articulação entre as pessoas, de alterar comportamentos e influenciar o modo de vida e, principalmente, como tem empoderado essa mulher para enfrentar a intolerância, o machismo, o preconceito e a exploração.

¹ Os destaques em negrito nas falas das participantes foram feitos pelas autoras desta pesquisa e optamos por transcrever as falas da mesma maneira que foram ditas, sem correções.

Cabe, do mesmo modo, investigar se a mulher que migra tem motivações externas e independentes da própria vontade, ou se suas decisões de deixar o país são voluntárias (Nascimento, 2017).

Ademais, gostaríamos de destacar a fala de Angelina que afirmou vir ao Brasil para ficar perto do marido, após enfatizar que na Venezuela ela tinha uma vida e um emprego que lhe proporcionava uma boa remuneração. Assim, a partir dessa resposta, trazemos o que Morokvasic chama de “ideologia ocidental dominante, onde as mulheres imigrantes experimentam um conflito entre os papéis profissionais e familiares¹” (1984). Não é só Angelina que remodelou sua vida e migrou por motivos familiares que se norteavam na figura masculina. A seguir, apresentamos outro quadro referente à escolha por Brasília:

Quadro 2. Porque migrar para o Brasil/Brasília? Fonte: as autoras.

Margarete	Porque Brasil é fronteira com a Venezuela e é mais fácil para nós independente de idioma, mas o Brasil é um país, comparado com todos os países, Brasil é um país acolhedor para os imigrantes. eu estava viajando para Brasília porque chamaram a Cáritas brasileira me dando uma viagem pra Brasília e me disseram que lá eu acharia muitas oportunidades para minhas habilidades.
Sandra	Porque eu ia para o Peru só que a passagem é muito mais cara do que vir para o Brasil, aí como Brasil e Venezuela fazem fronteira. Ai, eu recebi uma proposta e vim por isso. Eu conheci uma moça em Manaus e ela precisava de uma moça para vir trabalhar na casa dela e eu vim com ela.
Marta	Não, eu vim porque meu pai trabalhava aqui na embaixada e eu vinha para estudar. Fiz a oitava série aqui. Aí voltei pra revalidar meu diploma e trabalhar.
Celina	Eu não escolhi o Brasil, quem escolheu foi meu esposo. Primeiro ele foi para São Paulo e trabalhou na área hospitalar e aqui no Brasil ele viveu por 1 ano e se encantou com o Brasil. Brasília porque ele tem um amigo aqui em Brasília, tem uma ajuda aqui.
Angelina	Por causa do programa Mais Médicos. Ele entrou no programa por ele mesmo, não entrou por convênio da Venezuela e nem MERCUSOL, nem nada. Foi porque ele quis mesmo e aí ele foi aceito e veio trabalhar por 3 anos, o contrato era de 3 anos. Aí pelo programa ele veio para Brasília. Ele estudou em Cuba, fez o curso de medicina em Cuba, voltou pra Venezuela e depois veio para cá. Tem mais tempo de trabalho aqui do que na Venezuela.

O fator em destaque nos motivos para escolher o Brasil como destino é a proximidade fronteiriça e as relações interpessoais que facilitam as movimentações entre os países. Margarete chegou a Brasília por recomendação profissional advinda de uma instituição que ajuda migrantes, já Sandra conheceu alguém

¹ Citação original: confronted with the dominant Western ideology where immigrant women would also experience a conflict between the professional and family roles.

em Manaus que lhe ofereceu emprego e Marta escolheu a cidade pela experiência que teve na adolescência, ao morar com o pai na embaixada.

Porém, ao lermos as respostas de Angelina e Celina, percebemos uma insatisfação com o lugar de destino, uma vez que não foram elas que escolheram essa mudança territorial, mas sim seus maridos. Ambas seguiram as escolhas de seus pares e isto revela que há muito tempo é possível dividir as migrações femininas em dois contextos: um é voltado à sua autonomia e o outro à questão matrimonial. Como exposto:

Nos anos oitenta e noventa, foram identificados dois tipos de migração feminina, um motivado por razões econômicas e outro pelo reagrupamento familiar. Deixar essa distinção hoje não nos ajuda a reconhecer a heterogeneidade da migração de mulheres, pois elas cobrem um amplo espectro de características e respondem a diferentes projetos individuais e/ou familiares em diferentes contextos¹ (Morales, 2016).

Não podemos afirmar categoricamente que nossas participantes se encaixam perfeitamente nessa divisão, mas Morokvasic já falava sobre como “há uma distinção entre migração para objetivos maritais e migração autônoma feminina²” (1984). Para a autora, a primeira definição coloca a mulher numa posição de seguidora passiva de seu companheiro e a segunda definição como mudanças econômicas e pessoais que influenciam a migração da pessoa.

Entendemos que atualmente há uma consciência de que a mulher é livre para migrar e que há situações em que por escolha pessoal, algumas se dedicam exclusivamente a papéis maritais e familiares. Não somos contra isso, mas acreditamos que o importante é que isso seja uma escolha, e não uma obrigação.

Desafios para permanecer

Perguntamos para as participantes desta pesquisa quais são os desafios e dificuldades que elas encontram para permanecerem no país, e destacamos as seguintes respostas no quadro:

Quadro 3. Quais as maiores dificuldades encontradas no Brasil. Fonte: as autoras.

Margarete	Quando você chega no outro país você quer o que? Emprego! Para reconstruir tua vida e se sustentar e aí você vai escalando, escalando e qual o maior desafio meu? Ter uma casa própria.
Sandra	Pagar aluguel. E me relacionar com as pessoas, as pessoas são mais fechadas aqui em Brasília, aqui as pessoas têm seus próprios grupos e é mais difícil.

¹ Citação original: “Se señalaba en la década de los ochenta y noventa, dos tipos de migración femenina, una motivada por razones económicas y otra por reunificación familiar. Dejar esta distinción en la actualidad no nos ayuda a conocer la heterogeneidad de la migración de las mujeres, ya que cualquiera de éstas cubre un amplio espectro en las características de las mismas y responden a proyectos individuales y/o familiares diferentes en contextos diversos”.

² Citação original: There is a distinction between migration for marriage purposes and autonomous female migration.

Marta	Pagar aluguel. Aqui é muito caro e não posso ir pra cidade satélite porque trabalho até 22h e eu acho perigoso ir para rodoviária do plano pra ir pra outro lugar. E olha, quando saio do trabalho, eu pego uber e sabia que a passagem de ônibus aumentou?
Celina	Na verdade, o idioma. Nossa, eu sou muito ruim. Eu escuto de uma forma, mas se escreve de outra, e isso para mim é mais difícil de entender. Depois disso, só a validação de título, porque quero trabalhar, mas é muito caro fazer a revalidação.
Angelina	Primeiro a língua, entender a língua portuguesa era um obstáculo. Eu consegui aprender e fiz um curso de cuidadora de idoso, mas agora que estou tranquila, não vou dizer estável, estou tranquila, é, aqui, nós temos que nos acostumar a pagar por tudo. Água, luz, aluguel... aqui trabalha mais para pagar do que para consumir. Pelo o que você ganha, é difícil.

Voltamos ao fato de que quando chegam no país, a primeira dificuldade e necessidade é encontrar um emprego e a segunda dificuldade se dá pelo idioma. Todas as participantes abordaram o fato de precisarem trabalhar e ter dinheiro para pagar aluguel, contas de água e luz e outros gastos necessários para sobrevivência. Brasília não é uma cidade barata, pois o custo de vida é alto e há um grande esforço para permanecer vivendo bem na cidade.

Lembramos que todas possuíam empregos sólidos e qualificação profissional na Venezuela, mas que quando chegaram ao Brasil, não tiveram como prosseguir em suas áreas de atuação. Marta e Celina estão em busca da revalidação do diploma e Angelina fez um curso relacionado a sua antiga profissão para conseguir um emprego e tudo isso nos revela que:

Muitas dessas mulheres chegam aos países de destino com algum tipo de profissionalização ou até algum diploma universitário, mas impossibilitadas de validar um diploma ou exercer o cargo desejado; acabam por trabalhar no espaço doméstico. A experiência demonstra que também é muito frequente a existência de redes femininas que servem de apoio e facilitam a inserção de outras mulheres nesse tipo de serviço (Barbosa, 2013).

Como Morokvasic (1984) pontuou em seu trabalho, isso ocorre pela “ideologia machista da sociedade que impõe ao homem um papel de provedor e dá a mulher um papel de dependente” e como reflexo desse pensamento, percebemos atualmente as mesmas dificuldades enfrentadas por mulheres que migravam há 36 anos.

Destacamos ainda a fala de Marta, que mora no Plano Piloto (uma das regiões mais caras de Brasília) por necessidade e medo de ter que trabalhar até tarde da noite e ir para uma cidade mais periférica, pois para mulheres tudo acaba sendo mais perigoso. Seguidamente, apresentamos um quadro com as respostas das participantes sobre serem mulheres migrantes:

Quadro 4. É difícil ser mulher e migrante no Brasil? Fonte: as autoras.

Margarete	Sim, é um desafio muito grande porque na vida se uma mulher vai migrar sozinha você precisa ter muito cuidado, pode acontecer muita coisa. Você pode conhecer alguém que vai te prejudicar e isso fica pior por ser mulher. Hoje em dia para migrar, tanto homem quanto mulher, é difícil. Se for acontecer algo, pode acontecer para os dois. Somos seres humanos e tudo pode acontecer para mulher quanto homem. Antigamente migrava mais homem, na parte do trabalho e mão de obra, e aí eles ficavam com essa parte aí para migrar. Hoje em dia em acho que não há diferença alguma.
Sandra	Então, eu acho assim... no meu caso tem sido diferente. Pelo fato de ser mulher, jovem e sozinha eu tenho recebido muito apoio pra continuar. Então eu não sinto que seja algo ruim. Eu conheço alguns homens e eles me dizem que é muito mais difícil para eles encontrar emprego. Eu não acho isso não, que seria diferente. Em comparação da experiência dos meus amigos, eu acho melhor ser mulher. E eu tenho um amigo, o nome dele é Jorge e ele é da Alemanha e ele fala que tem sido muito difícil pra ele achar emprego.
Marta	Eu acho que não porque homem também tem o mesmo problema e desafio. Pode ser um problema se a mulher tiver filho, mas sem filho... não... é até mais fácil. Eu sempre tô olhando classificados e vagas de emprego e sempre tem mais oportunidades para as mulheres. Eu tenho um grupo da igreja e sempre a vaga a preferência é pra mulher, até pra dividir casa.
Celina	Por agora eu não sei, porque agora eu não trabalho e então eu não posso afirmar que há uma diferença. O difícil é ser uma mulher com filho. Você tem que procurar alguém para ficar com ele. Não é fácil e eu penso em trabalhar e revalidar meu diploma, e meu filho é especial, fica mais difícil ainda.
Angelina	Não, não senti não. Eu acho que como estrangeira sim. Mas aqui tem gente precisando de enfermeiro e médico, mas por não revalidar não pode exercer a profissão. Aqui nesse país eu percebi que tem muito direito pelas mulheres, aquela lei Maria Penha, as leis para a mulher se cumprem.

Há um consenso nas respostas de que é difícil ser migrante e mulher por conta de seus desafios, como afirma Margarete ao dizer que “alguma coisa pode acontecer” ou Marta e Celina que pontuam que mulher com filhos tem mais dificuldades do que uma mulher solteira, ou Angelina, que aborda uma dificuldade não o fato de ser mulher, mas sim de ser estrangeira e sofrer preconceitos e xenofobia.

Destacamos que as participantes Margarete, Sandra e Marta acreditam que as dificuldades que elas enfrentam não se enquadram somente no gênero feminino, mas também no masculino e que ser migrante é difícil para ambos. Essas mudanças de percepção foram abordadas por Morokvasic (1984) em seu artigo *Birds of Passage are also Women* quando a autora enfatizou que naquele período as mulheres lutavam por igualdade de gênero e pela consciência de seus papéis na sociedade, para que todas tivessem o direito de lutar pela sua emancipação.

Um novo olhar sobre o Brasil

Para finalizar nossa análise de dados, perguntamos a nossas participantes sobre o que elas esperam do futuro em relação a sua permanência em Brasília. Obtivemos as seguintes respostas constatadas no quadro abaixo:

Quadro 5. Perspectivas sobre o futuro. Fonte: as autoras.

Margarete	Eu não sou nova, eu já tenho idade, vou completara gora em setembro 50 anos e eu não quero passar minha vida pagando aluguel. Já estou velha, mas quero passar minha vida aqui no Brasil e mesmo que eu tenha um filho adulto, ele está em Boa Vista e assim, eu tenho minha vida e ele tem a vida dele, eu não posso contar com outra pessoa e agora estou trabalhando, até quando eu não sei. Peço que Deus me dê saúde pra conseguir essa casa, seja com ajuda de governo ou outra forma, mas eu não quero ficar velha pagando aluguel não. Se eu morrer, é aqui que eu morro. Eu já me vejo aqui.. Tem que ser aqui nesse país. Já passei por muita coisa pra voltar pra Venezuela. Tenho sangue da Venezuela, mas quero ficar aqui.
Sandra	Assim, eu tenho a responsabilidade da casa agora. Eu sou responsável pela minha mãe, meu irmão e meu padrasto. O que eles ganham lá não dá pra viver. Assim, eu gosto daqui. Mas minha mãe diz que eu não gostei, eu me adaptei. Então eu não sei.
Marta	Eu já demorei muito tempo aqui revalidando meu diploma. Não começo tudo de novo não. Só se for uma boa oportunidade e pronta. E não quero voltar pra Venezuela.
Celina	Ai, o plano é cuidar do meu filho. Para a condição dele, o Brasil tem um sistema de saúde que acolhe ele, então meu plano inicial era esse e estamos conseguindo. Depois queria continuar minha carreira, mas por agora meu marido trabalha e eu cuido do meu filho.
Angelina	Eu achava que no primeiro ano eu já ia começar a trabalhar a trabalhar como enfermeira. Uma amiga me falou “ah, rapidão você revalida seu diploma e vai trabalhar”. Não foi assim. E também eu viajava muito para a Venezuela, eu estava sempre indo e voltando, eu não tinha estabilidade. Agora eu trabalho como cuidadora e estou tranquila. Um dia eu quero voltar pra Venezuela. Acho que a maioria de nós tem esse desejo. Parece que estamos de férias e um dia vamos voltar pra casa. É como sair da casa da mãe, mas voltar depois.

Das cinco mulheres, quatro querem permanecer em Brasília definitivamente. Margarete expõe o fator da idade e da necessidade de permanecer no Brasil para cuidar não só dela, mas do filho que reside em Roraima e dos familiares que ficaram na Venezuela. Sandra também aborda a responsabilidade que tem para cuidar da família, Marta diz que já investiu tanto no Brasil que não pensa em recomeçar tudo em outro lugar e Celina compartilha a vontade de continuar carreira e conseguir um emprego. Angelina está sempre indo e voltando da Venezuela, para dar assistência aos que ainda vivem por lá, mas diferente das outras, possui uma grande vontade de retornar definitivamente para seu país. O que estas respostas nos

revelam é a grande importância econômica e social que estas mulheres desempenham não só no Brasil, mas na Venezuela também. Estas mulheres são provedoras, se sustentam e sustentam os outros, pois:

A necessidade de dar sustento à família é uma forte motivação para a migração em geral e para a migração feminina em particular. As mulheres migrantes são os principais agentes ativos no envio de remessas aos seus países de origem, acompanhando a crescente tendência de aumento do número das famílias monoparentais, o que se denomina de feminização da pobreza (Dutra, 2013).

O que estas respostas nos revelaram foi uma enorme heterogeneidade advinda destas participantes que decidiram migrar por motivos similares e antagônicos. Mulheres que tomaram consciência de suas ações e força e que encontraram uma certa liberdade para se moverem e se deslocar, pois:

A mulher migrante, ao ser portadora de todo um conjunto de possibilidades, de variações e de potentes transformações a partir de seus encontros com o outro que a acolhe, ao afirmar sua diferença, ao estabelecer novos vínculos e negociações, ao produzir novas subjetividades, torna-se o sujeito ativo que desencadeia mudanças (Nascimento, 2017).

A seguir, finalizamos o trabalho com nossas considerações finais acerca da migração feminina venezuelana no Distrito Federal a partir das narrativas das cinco participantes desta pesquisa.

CONCLUSÕES

A partir das falas e experiências das cinco participantes que contribuíram com esta pesquisa e a análise que fizemos do texto *Birds of Passage are also Women*, da autora Mirjana Morokvasic, além das demais pesquisas que contribuem para esta área de estudo, percebemos a necessidade de dar espaço e importância para discutir e problematizar a feminização dos movimentos migratórios em nossa sociedade contemporânea.

Ao final de seu artigo, Morokvasic enfatiza o fato de que em 1984 ainda existiam poucas pesquisas que dedicavam um olhar para a mulher que migra, para a mulher que trabalha e que também contribui com o desenvolvimento econômico e social da humanidade. Para a autora, é preciso destacar essas personagens, que trazem consigo subjetividades e percepções do mundo a partir de seus próprios pontos de vista, para que possamos legitimar a importância feminina no social.

Da data de publicação do artigo para os dias atuais, já se passaram 36 anos e percebemos, com júbilo, as mudanças positivas que o gênero feminino conquistou ao longo do tempo a partir das migrações femininas, que acontecem com uma maior frequência e liberdade. Entretanto, ainda é possível encontrar reflexos de uma visão tradicionalista e patriarcal que busca definir a mulher como apenas mãe e dona-de-casa, que migra para seguir seu cônjuge e manter a família unida.

O que destacamos das narrativas de nossas participantes é a consciência que elas demonstram ter sobre seus papéis na sociedade e a procura por migrar para conseguirem melhores condições de vida e também desenvolvimento profissional. Percebemos que nossas participantes não se sentem oprimidas, e

que apesar dos desafios encontrados no percurso, elas continuam em busca de seus objetivos, não necessariamente se apoiando numa figura masculina para fazerem isso. Nossas participantes são pássaros de passagem que também migram. Nossas participantes são pássaros de passagem que migram porque precisam, que migram porque querem e porque se sentem livres para ir e vir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assis GL et al. (2000). Sessão 3 – A migração internacional no final do século. XII Encontro Nacional da ABEP 2000. GT de Migração. Caxambu.
- Barbosa LV (2013). A difícil decisão do retorno: trabalhadoras domésticas bolivianas e peruanas na Espanha em tempos de crise econômica. Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis: Anais Eletrônicos.
- Bauman Z (1999). Globalização: as consequências humanas. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 148p.
- BRASIL (2017). Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Imigração.
- Dutra D (2013). Mulheres, migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Brasília, 21(40): 177-193.
- Gladstone R (2016). Como a Venezuela entrou na crise, e o que poderá acontecer agora? In: BBC News Brasil Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/the-new-york-times/2016/06/01/como-a-venezuela-entrou-crise-e-o-que-podera-acontecer-agora.htm>> Acesso em: 30 jun. 2020.
- Lira RA et al. (2019). Feminização das migrações: a dignidade da mulher venezuelana, migrante e refugiada, e o papel das políticas públicas. Cadernos do CEAS, Salvador: Revista Crítica de Humanidades, 322-340p.
- Lobo AS (2010). Famílias Espalhadas: circulação e movimento na configuração de maternidade e paternidade em Cabo Verde. Florianópolis, Diásporas. Diversidade, Deslocamentos. ANAIS Fazendo Gênero 9.
- Morokvasic M (1984). Birds of Passage are also Women... The Internacional Migration Interview. Nova Iorque. Sage Publications, Inc. vol. 18, 886-907p.
- Morales OW (2007). La migración de las mujeres: um proyecto individual o familiar?. REHMU- Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. Ano XV, n. 29.
- Museu da Imigração (2019). Migrante, Imigrante, Emigrante, Refugiado, Estrangeiro: qual palavra devo usar? Disponível em <<http://www.museudaimigracao.org.br/blog/migracoes-em-debate/migrante-imigrante-emigrante-refugiado-estrangeiro-qual-palavra-devo-usar>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

- Nascimento M (2017). Imigração da Mulher Latina no Brasil. *Cadernos de Gênero e Diversidade*. Universidade Federal da Bahia. 3(1):115-136p.
- ONU (2019). Estudo da ONU aponta aumento da população de migrantes internacionais. Disponível em <<https://brazil.iom.int/news/estudo-da-onu-aponta-aumento-da-popula%C3%A7%C3%A3o-de-migrantes-internacionais>> Acesso em: 20 jun. 2020.
- Rey FG (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. 1 ed. São Paulo: Thomson. 222p.
- Santos MF et al. (2019). Mulheres Migrantes: invisibilidade no processo migratório e dificuldade de inserção no mercado de trabalho decente brasileiro. XVI Seminário Internacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na sociedade contemporânea. 1-20p.
- Schwandt TA (2000). Three epistemological stances for qualitative inquiry. Denzin NK et al. (org). Thousand Oaks, California: Sage Publications. 189-213p.
- Thomas WI et al. (1918). *The Polish Peasant in Europe and America*. Chicago. University of Illinois Press. 610p.
- UNICEF (2019). Crise migratória venezuelana no Brasil: o trabalho do UNICEF para garantir os direitos das crianças venezuelanas migrantes. Disponível em < <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>>. Acesso em: 08 jun. 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

C

competências socioemocionais · 50
complexidade · 7, 10, 11, 12, 13, 37

D

didática · 4, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 15, 16, 17

E

educação · 4, 8, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 21, 35, 36,
37, 38, 39, 41, 42, 44, 45, 47, 48, 51, 53, 55,
57, 62
empatia · 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56,
57, 58, 59, 60, 61, 62

G

gestão · 4, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

M

meritocracia · 36, 37, 38, 42
migração feminina · 18, 19, 20, 22, 23, 24, 28, 32

P

pandemia · 4, 23, 35, 36, 38, 39, 41, 43, 44
Paraná · 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46,
50
práticas educativas · 6, 7, 10, 12, 13, 14, 15, 16
professor · 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 35,
37, 38, 50, 51, 60

Q

química · 47, 60, 61

R

residentes · 21, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57,
58, 59, 60, 61

SOBRE O ORGANIZADOR

 **LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA**



Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo (2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul. Contato: lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com.

Em todos os seus processos, a educação está em constante evolução. Em uma sociedade que se transforma rapidamente, se os processos educativos se estagnarem, não atenderão às demandas das sociedades – tão distintas e formadas por pessoas com inúmeras especificidades.

ISBN 978-658831947-5



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br